

SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

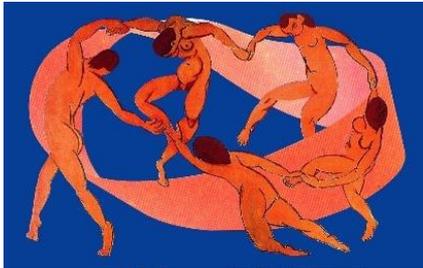
A ESCUTA PSICANALÍTICA DO MIGRANTE E A ATUALIZAÇÃO DO TRAUMA PSÍQUICO NA NARRATIVA MIGRATÓRIA

Isabela Cim Fabricio de Melo¹

O presente trabalho parte dos atendimentos clínicos realizado na prática de estágio obrigatório para a formação em Psicologia na Universidade Federal do Paraná, de um paciente migrante, em conjunto ao Projeto de Extensão e Pesquisa “ Migração e Processos de Subjetivação”, que acolhe e atende migrantes e refugiados na cidade de Curitiba. Objetiva a partir disso propor reflexões sobre a escuta analítica da narrativa do sujeito migrante, especificamente no que se trata da atualização do trauma psíquico pela trajetória de migração e as formas com que isso atravessa os atendimentos clínicos. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de textos de Freud, Lacan e teóricos que trabalham com a questão migratória a partir da psicanálise, e também o estudo do caso clínico de um migrante atendido no Centro de Psicologia Aplicada da UFPR.

Embora a questão aqui trabalhada esteja atrelada à atividade clínica, esta não foi a única prática realizada no estágio, de forma que em alguma medida o atendimento clínico em uma instituição de ensino público não está dissociado de reflexões referentes ao trabalho com a população migrante no geral. O acompanhamento, a teorização, e atuação prática no atendimento com migrantes possibilita, nessa medida, a nível de formação profissional, a tentativa de construção de uma delimitação do trabalho da psicologia e da psicanálise no campo da migração. A demanda de trabalho com a população migrante parte das questões impostas pela realidade migratória internacional, uma vez que o Brasil encontra-se inserido no fluxo migratório atual. Dessa forma, o trabalho dentro do Projeto tem como um de seus objetivos a formação

¹ Aluna da Graduação de Psicologia na Universidade Federal do Paraná. E-mail: isabelacf.melo@gmail.com

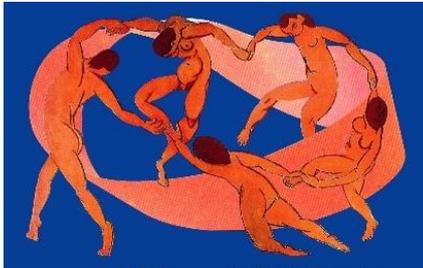


SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

de profissionais e alunos capacitados na temática da migração, para que o atendimento à essa população seja efetivado e continue em constante desenvolvimento. O enlace entre as atividades caminha no sentido de uma articulação do trabalho do psicólogo com populações migrantes, no que tange a intersecção entre as áreas do Trabalho e da Saúde a partir das particularidades da realidade migratória brasileira.

Assim, na busca por explicitar a articulação do trabalho com a escuta analítica, dois esclarecimentos teóricos se fazem necessários. Primeiro, quanto ao sujeito-migrante em questão. Neste sentido, entende-se que o migrante é, antes de mais nada, aos olhos da psicanálise, sujeito do inconsciente, cindido e implicado em sua história. Ainda além disso, que todo sujeito se constitui pelo exílio, se o considerarmos na relação com a perda do objeto primordial (Escobari, 2008). Segundo, ainda a partir do que diz Escobari (2008), no que se trata da atualização do trauma psíquico, o entendimento de que tratando da migração como um fenômeno de possível intenção de mudança de posição subjetiva por parte do sujeito, surge no atendimento clínico a migrantes os desafios de uma escuta que busca encontrar na narrativa migratória os elementos de atualização das tramas e identificações originárias do sujeito, pensando em seu diálogo e posição frente ao desejo do Outro.

Com isso em mente, o pontapé inicial para a reflexão acerca do caso clínico desenvolvido no estágio parte-se da proposta de que o migrante ao sair de um país para outro, sente-se liberto fisicamente, pode ir e vir como bem entender, mas permanece preso subjetivamente. Essa questão, apresentada pelo paciente a partir de diversas colocações, remete a um tema, exposto por Escobari (2008), que parece ser recorrente na clínica com migrantes: a associação da mudança de país a uma tentativa de equivalência a uma mudança subjetiva. Ao escutar sobre a falta de liberdade, neste caso subjetiva, parece implícito que o resultado esperado era outro. No entanto, este algo que permanece, que faz com que se sinta ainda preso a alguma raiz psíquica,



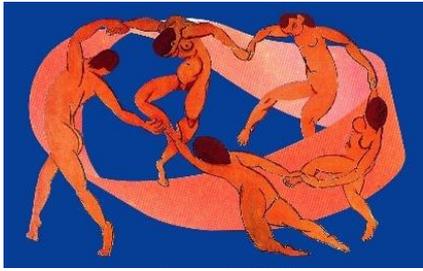
SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

parece ter como consequência a repetição, a atualização do trauma e dos laços afetivos no país de destino.

Parece haver uma suposição por conta daquele que migra, no caso da migração não-forçada, de que aquele algo que falta pode ser encontrado em outro lugar, de forma muito análoga a uma busca fálica. A proposta de Escobari (2008), de entender o migrante como aquele que busca encontrar em outro lugar, que não sua casa de origem, aquilo que não se tem ali, trata deste aspecto, como um pressuposto de que se há um Eu do qual é possível fugir. E muito aos moldes de Édipo, ao buscar fugir daquilo que é seu, retorna sempre às origens através da atualização do passado, encontrando formas de encenar certas rupturas ou laços afetivos desejados anteriormente.

O tema que mais atravessa o trabalho, no entanto, é a questão do olhar, na medida em que aparece de forma mais literal na relação do migrante com aqueles que o cercam no país de destino. Encarar um olhar do outro que remete ao estranho freudiano (Freud, 1919), parece atravessar a questão do Outro como constituinte simbólico, como elemento mascarado pela identificação imaginária inscrita no estádio do espelho (Lacan, 1949). Alienado de si mesmo, ao se perceber estrangeiro aos olhares, abre espaço para a pergunta sobre o lugar que a alteridade lhe dá. Ao mesmo tempo, reconhecer que o olhar do Outro é inquietante e íntimo indica para a relação com o desejo do Outro. Essa hipótese de leitura parece calhar com a trajetória de migração na medida em que estar em outro país, enquanto estrangeiro, permite maior literalidade na pergunta sobre o que quer o Outro do sujeito.

A repetição, transposta para a realidade do migrante no país de destino, permite a elaboração em palavra daquilo que o paciente traz consigo da terra natal. A pergunta clínica sobre como dizer o indizível do trauma ganha espaço na medida em que a perda dos objetos originários, assim como desamparo da quebra narcísica, se traduz na atualização do passado na trajetória de migração: não se pode ainda falar sobre o princípio, mas é possível para o paciente teorizar e narrar aquilo que se vê representado no momento atual da



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

condição de migrante. É na ordem do inassimilável que aparece o conceito de trauma como sustentável na psicanálise, e que reaparece pela repetição em novas oportunidades de elaboração (Maldonado & Cardoso, 2009).

Neste ponto, cabe retomar o que Freud propõe em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), acerca da importância da transferência no tratamento a partir da tríade repetição - resistência - elaboração. É na relação transferencial que o paciente busca colocar e refletir seus modos de defesa e sua posição subjetiva em relação ao outro. Dessa forma, o conteúdo da repetição pode ser tomado a trabalho, no caminho de desbancar ao máximo a resistência, encontrando consistência como material das elaborações feitas em tratamento. É com esse norte que o trabalho tem sido conduzido, na medida em que aos poucos o paciente consegue encontrar elementos narrativos de sua trajetória de migração para significar aquilo que traz consigo da terra natal, a partir das questões de língua materna, relações parentais, divergências culturais, estrangeiridade, relacionamentos afetivos e olhares. Que quer dizer o migrante ao afirmar que algo que narra na clínica é de ordem cultural? Certamente não parece encerrar o assunto. Ao contar da cultura na qual esteve e está inserido, conta também de sua posição frente ao que lhe foi ofertado pelo Outro.

Com essas considerações, entende-se que além do atendimento clínico estar situado na dimensão particular de narrativa do trauma, escutar os elementos e temas trabalhados em atendimentos pelos pacientes parece esclarecedor quanto ao que marca a migração e o refúgio. Apesar dos impasses de um atendimento realizado dentro de instituições, com mudanças no setting tradicional, a tradução do psiquismo nas experiências de migração e na forma como a narrativa é recuperada pelo sujeito ao longo dos atendimentos aparece como elementos enriquecedores do estudo e da formação em psicanálise. Escutar a narrativa particular de um sujeito é o que abre espaço para o reconhecimento do campo do desejo.

Palavras-chave: Migração; Atendimento Clínico; Trauma Psíquico.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Referências

- Escobari, D. (2008). Quem da pátria sai a si mesmo escapa? Um estudo psicanalítico sobre um caso de migração. (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15767>
- Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In _____. Obras completas, vol. 10 (1ª ed). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1919). O inquietante. In _____. Obras Completas, vol. 14 (1ª ed). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In _____. Escritos (1ª ed). Rio de Janeiro: Zahar.
- Maldonado, G. & Rezende, M. C. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. Psicologia Clínica, vol. 21, n. 1, 45-57. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652009000100004&script=sci_abstract&tlng=pt